

**Recensão: António Augusto Aguiar, *Contratemporâneo ao vivo*
(CD Instituto de Investigação em Arte,
Design e Sociedade - ESMAE, 2014)**

Massimo Cavalli

Universidade Lusíada de Lisboa
massimocavalli@lis.ulusiada.pt

CONTRATEMPORÂNEO AO VIVO É UM CD de música contemporânea para contrabaixo, maioritariamente interpretada por António Augusto Aguiar, composto por gravações estéreo de atuações ao vivo feitas pela BBC Radio 3, Casa da Música, e por Jonathan Ayerst, entre 2008 e 2011, e editadas posteriormente pelo Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade em colaboração com a ESMAE do Instituto Politécnico do Porto. Das cinco faixas que compõem o CD, duas são composições para contrabaixo solo, uma é uma atuação em duo, e outras duas são composições que contam com a participação de um grupo mais alargado de instrumentos. Quatro das cinco peças têm o contrabaixo como protagonista principal. As primeiras composições são da autoria de Rebecca Saunders e Jorge Peixinho. Uma quinta obra, *Pandora*, tem como autor o próprio António Augusto Aguiar. Este registo fonográfico é um importante documento no que diz respeito à valorização do contrabaixo enquanto instrumento solista na música contemporânea, tendo em conta o escasso número de gravações deste género a nível nacional.

António Augusto Aguiar é sem dúvida um dos nomes mais destacados da música contemporânea para contrabaixo, mas a sua obra é muito vasta e abrange um amplo leque de géneros musicais, tanto como executante, como enquanto compositor. Músico e professor eclético, divide o seu tempo entre a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, e uma intensa atividade artística que abrange a música contemporânea, o jazz e a música improvisada. Completou a sua formação académica na ESMAE do Porto, na Royal Academy of Music de Londres e na Universidade de Aveiro.

Enquanto músico, destaca-se pelo reconhecimento a nível nacional e internacional, nomeadamente através do «Major Prize Special Foundation Award», do diploma «Licenciate

Double Bass Teacher» e do concurso «Manlio & Selma Di Veroli Double Bass Prize» que venceu em 1999. É, desde 2000, solista do prestigiado grupo de música contemporânea *Remix Ensemble*. Desenvolveu, desde 1992, uma sólida e sustentada atividade na área do jazz, integrando a *Orquestra de Jazz de Matosinhos*. Neste contexto gravou, entre outros, os CDs *A Lenda* (2000) do pianista, compositor e arranjador Carlos Azevedo, *Encomenda* (2006) e *Nuvem* (2011) do saxofonista Mário Santos, *Narsad Suite* (2005) do guitarrista Luís Lapa, e *Raku* (2011) do baterista Hugo Danin. Destaca-se no âmbito da música contemporânea pela gravação do CD *Ad Libitum* (2005) para contrabaixo solo, composto por uma seleção de improvisações criadas por meio de estímulos exteriores (fotos, gráficos e poemas) e extemporizações livres sem preparação prévia. Colaborou, no que diz respeito à música para filmes, com Bernardo Sasseti e Carlos Guedes, entre outros. Gravou também a música de Carlos Azevedo e Telmo Marques para a peça de teatro *D. António* (2006).

Apesar das diferentes condições de gravação que ressaltam da audição do CD, esta coletânea demonstra todo o ecletismo e o domínio técnico instrumental de António Augusto Aguiar. O ouvinte é projetado para uma sala de concerto virtual onde o que acontece durante a *performance* fica gravado de forma indelével para ser ouvido posteriormente. Não há qualquer processo de edição. No que diz respeito aos instrumentos utilizados na gravação desta obra, Aguiar interpreta as primeiras quatro composições num contrabaixo de cinco cordas (muito utilizado na música contemporânea) construído no ano 2000 pelo *luthier* francês Christian Nogaro. Na última faixa, «Improvisação sobre o tema Salve Regina» utiliza um contrabaixo de quatro cordas «solo model» construído pelo *luthier* canadiano Peter Elias em 1995.

***Fury I* para contrabaixo solo, de Rebecca Saunders¹**

A gravação desta composição foi efectuada durante o Huddersfield Contemporary Music Festival em Huddersfield, no St. Paul Hall, no dia 29 de novembro de 2009 e foi posteriormente transmitida pela BBC Radio 3, no dia 16 de janeiro de 2010. A duração da peça é de 9 minutos e 3 segundos.

A autora da peça, a compositora inglesa Rebecca Saunders (n. 1967), partindo de uma encomenda feita pelo *Remix Ensemble* em 2005, explora o contrabaixo de cinco cordas em toda a sua extensão, utilizando uma *scordatura* sol, dó#, lá, mi, sol. O título da obra revela o intuito da autora em associar um determinado estado de espírito aos sons do instrumento. Bicordes, *glissandi*, notas graves e agudas alternam-se, desenvolvendo progressivamente um monólogo contrabaixístico.

O autor segue as normas do *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990.

¹ Com a ajuda de António Augusto Aguiar, foi possível aceder a todas as partituras das obras aqui reproduzidas, o que facilitou a compreensão e análise das peças.

Encontramos ao longo da composição uma alternância entre momentos percussivos (através da utilização de técnicas arrojadas, como o uso das duas mãos para percutir as cordas), e lamentos criados a partir de fragmentos motivicos (pela introdução de quartos de tom e harmónicos), ora no registo agudo, ora no grave. Nesta versão, Aguiar optou por uma interpretação mais individual e livre relativamente ao indicado na partitura original, conferindo à peça um carácter estético mais pessoal.

Existe outra versão da mesma obra, executada pelo contrabaixista francês Florentin Ginot e gravada em 2016 pela editora Musikfabrik.² A escolha estética/interpretativa do solista tem assim um papel fundamental na dinâmica da obra.

***Fury II* concerto para contrabaixo e *ensemble*, de Rebecca Saunders**

A gravação desta composição pelo *Remix Ensemble* foi efetuada no Porto, na Sala Suggia da Casa da Música, no dia 25 de outubro 2011. A duração da peça é de 13 minutos e 56 segundos e foram intérpretes Emilio Pomarico (direção), Oliver Parr (violoncelo), Jonathan Ayerst (piano), Paulo Jorge Ferreira (acordeão), Ricardo Alves (clarinete), Mário Teixeira e Manuel Campos (percussão) e António Augusto Aguiar (contrabaixo).

Esta composição resulta da transformação de *Fury I*, desta vez adaptada a um *ensemble* musical reduzido: acordeão, piano, clarinete baixo, violoncelo e percussão. O contrabaixo de cinco cordas é sempre o solista. Contudo, a peça é enriquecida com a presença dos outros instrumentos que constituem uma paleta sonora que amplifica as tensões criadas pelo contrabaixo e interage com estas de forma dinâmica. Os instrumentos utilizados no *ensemble* complementam a *performance* do solista, reforçando os momentos de tensão e de repouso do mesmo. Fazendo um paralelo com a arte pictórica, dir-se-ia que as cordas do piano percutidas, os acordes dissonantes do acordeão, as notas quase contrapontísticas do clarinete baixo e a percussão permitem transformar a visão mais monocromática de *Fury I* numa estrutura multidimensional, colorida e mais abrangente sem, com isso, ofuscar o papel de solista de Aguiar. Numa primeira audição, ao comparar *Fury I* a *Fury II* temos a sensação de estar a ouvir duas composições diferentes, uma vez que a presença de interações sonoras (em *Fury II*) entre os vários instrumentos desvia a nossa atenção da *performance* do contrabaixo. No entanto, esta sensação acaba por se desvanecer com o desenrolar da execução. Certamente, o *ensemble* dirigido por Emilio Pomarico acaba por ser decisivo nas escolhas interpretativas do solista, adicionando mais um importante elemento de diferenciação entre *Fury I* e *Fury II*.

² Que é também o nome de um *ensemble* de música contemporânea, com sede em Colónia na Alemanha, da qual Ginot faz parte.

Solo para contrabaixo de 5 cordas, de Jorge Peixinho

A gravação desta composição foi efectuada no Porto, na sala 2 da Casa da Música, no dia 3 de maio de 2011, e a sua duração é de 13 minutos e 56 segundos. Este registo demonstra uma preocupação de carácter «didático» por parte de António Augusto Aguiar, que se revela através da intenção de deixar um testemunho gravado desta importante obra do repertório para contrabaixo solo e, por conseguinte, homenagear o compositor português Jorge Peixinho (1940-95). A gravação em questão é a primeira e única conhecida desta composição de 1976. A obra é composta por quatro andamentos: *Cadenza I* (até 4 min. e 10 ss.), *Intermezzo* (de 4 min. e 10 ss. até 7 min. e 10 ss.), *Cadenza II* (7 min. e 16 ss. até 12 min. e 38 ss.) e, finalmente, *Tempo di Blue* (12 min. e 45 ss. até o fim).

A estrutura da *Cadenza I* divide-se em dez partes que podem ser analisadas como pequenas divisões da estrutura musical no seu todo. *Intermezzo* é uma secção interativa, variável ao gosto do solista, composta por três fragmentos A, B e C, que devem ser intercalados com outros dois fragmentos que são definidos pelos números 1 e 2, respeitando um conjunto de regras, existindo ainda um fragmento 3 utilizado apenas para concluir esta secção.³ No caso desta gravação, António Augusto Aguiar optou por utilizar a estrutura B (duas vezes), o fragmento 1 (duas vezes), e os restantes pela seguinte ordem: A, 2, C, 2 e 3. O *Intermezzo* funciona assim como o célebre jogo *Tetris*, dando ao solista a possibilidade de interagir e alterar, embora de forma controlada, os vários fragmentos do andamento à semelhança das peças do referido jogo.

A *Cadenza II* é composta por dez fragmentos contrastantes entre si e, tal como a *Cadenza I*, tem tempos de duração aproximada. Os fragmentos alternam entre secções em *pizzicato* e outras com utilização de arco, harmónicos, *glissandi* e secções com um carácter mais percussivo. Em *Tempo di Blue*, o solista recorre apenas à mão esquerda para executar as notas, o que confere a este movimento uma sonoridade própria. Esta sonoridade é caracterizada pela utilização, em forma continuada, das técnicas de *hammer on* e *pull off* (as quais conferem um sabor percussivo característico quase comparável ao som da técnica *col legno*), e complementa-se com a ampla utilização de *blue notes*, provocando ao ouvinte a sensação de estar num concerto de *gospel*. O centro tonal do andamento é claramente o acorde de sétima da dominante de sol (G7), ao qual são adicionadas as notas características do *blues* – a terceira menor (B \flat) e a quarta aumentada (C \sharp).

A peça assume desta forma uma coerência estrutural onde está presente alguma liberdade do solista que, ao mesmo tempo, deve manter-se dentro dos parâmetros definidos pela estrutura formal.

³ A, B e C não se podem encadear diretamente. O fragmento 1 pode ser repetido mais do que uma vez durante o *Intermezzo*, o número 2 pode aparecer duas ou três vezes e pode ser ou não repetido em cada um dos momentos em que é utilizado. O fragmento B pode aparecer uma ou duas vezes e ser repetido ou não em cada vez, no entanto, o *Intermezzo* deve acabar com a sequência dos fragmentos 2 e 3.

O último andamento é, em termos do material composicional explorado, mais longínquo do universo da música contemporânea, e contribui para conferir a esta obra de Jorge Peixinho um sabor nostálgico-jazzístico.

***Pandora*, de António Augusto Aguiar**

Interpretada pelo *Remix Ensemble*, a gravação desta composição foi efetuada durante o Huddersfield Contemporary Music Festival em Huddersfield, no St Paul Hall, no dia 29 de novembro de 2009, tendo sido posteriormente transmitida pela BBC Radio 3 a 16 de janeiro do ano seguinte. A sua duração é de 16 minutos e 59 segundos e entre os intérpretes contavam-se Stephanie Wagner (flauta), Victor Pereira (clarinete), Roberto Erculiani (fagote), Abel Pereira (trompa), Jonathan Ayerst (órgão), José Pereira (violino) e António Augusto Aguiar (contrabaixo).

Pandora nasce inspirada por *A obra aberta*, de Umberto Eco (1932-2016), e *Réagir*, de Vinko Globokar (n. 1934), e é marcada pela improvisação e participação ativa dos músicos na construção do produto final. Todavia, apesar do carácter aberto, a composição tem uma forma e estrutura definidas, o que lhe confere ao mesmo tempo um carácter de imprevisibilidade, aleatoriedade, e a procura pela concentração constante na forma, no momento e no desenvolvimento da música que vai sendo criada.

Nela se desenvolvem paralelamente duas organizações: a composição e o jogo. A peça é marcada por um conjunto de cinco cartas com uma clara função musical, retiradas de um baralho (previamente baralhado e exposto ao público) pelos músicos, à medida que estes entram em palco. Cada carta contém instruções musicais a seguir, sendo estas sempre variáveis e imprevisíveis (solo, maestro, duelo, *gang*), sugerindo aos intérpretes um desenvolvimento da peça que implica forçosamente resultados diferentes.

A peça tem duração e estrutura variáveis, mas é constituída por sete partes fixas: 1) *Introdução*, 2) *Contínuo*, 3) *Enxame*, 4) *Cantus Firmus*, 5) *Pescadinha de rabo na boca*, 6) *Solo* e 7) *Coda*, sendo esta última um desenvolvimento da introdução. Quer na *Introdução*, quer na *Coda*, é possível ouvir o órgão a improvisar durante um número definido de compassos (dois e três respetivamente). O contínuo explora um pedal de ré, utilizando timbres, dinâmicas, formas de articulação e microtons, chegando a um *cluster* de quinta perfeita. O clarinete baixo introduz a terceira parte que se caracteriza por um movimento cromático produzindo o efeito de enxame, inspirado em texturas típicas das obras de György Ligeti. O *Cantus Firmus* é baseado em duas vozes fixas – a do violino e a do contrabaixo –, deixando os outros instrumentos livres para improvisar. No andamento *Pescadinha de rabo na boca*, a melodia ou *ostinato* (baseada na escala meio-tom/tom) é lançada pelo fagote, mantendo-se presente graças à ajuda de todos os músicos do *ensemble*. É desencadeada uma improvisação coletiva com uma coda, que fecha a secção. No final desta parte há um espaço

para o solista definido pelo jogo das cartas que, neste caso, é o violino. Exaurido o espaço dedicado à improvisação, o solista dá o sinal para a *Coda*, que fecha a obra.

Embora esta não seja uma composição para contrabaixo solo (na qual se poderia eventualmente transformar, caso o contrabaixista retirasse do baralho a carta «solo») a peça é uma demonstração da capacidade de Aguiar para se destacar também como compositor.

Improvisação sobre o tema «Salve Regina»

Tendo como intérpretes António Augusto Aguiar e Jonathan Ayerst, no contrabaixo e no órgão respectivamente, a gravação desta peça foi efetuada na Igreja Nova de Cedofeita no Porto, no dia 21 de maio de 2008. A sua duração é de 14 minutos e 13 segundos.

A improvisação livre sobre o tema «Salve Regina» foi desenvolvida a partir de uma síntese da peça integral (um esboço manuscrito presente no *booklet* do CD) em três motivos melódicos principais que formam os movimentos da improvisação entre o contrabaixo de António Augusto Aguiar e o órgão tocado por Jonathan Ayerst. O contrabaixo é o anfitrião que introduz os motivos, levando posteriormente a um desenvolvimento por parte dos dois intérpretes. A interação dos dois instrumentistas torna-se ainda mais interessante devido à reverberação natural própria de uma igreja de grandes dimensões. O som de arco do contrabaixo é muito perceptível e extremamente lírico, embora por vezes os registos de ação dos dois instrumentos partilhem as mesmas frequências, criando alguma indefinição em termos da perceção do ouvinte. Esta faixa carece de maior qualidade sonora pelo facto de ter sido captada por um aparelho *minidisc* e ter sido gravada como ficheiro *mp3*. A gravação é, no entanto, coerente com os restantes registos do CD que traduz várias *performances* do contrabaixista e compositor António Augusto Aguiar, e onde está patente um realismo musical sem rede e sem compromissos.

Em última análise, o CD *Contratemporâneo ao vivo* vem colmatar um vazio no que diz respeito às gravações do repertório de música contemporânea para contrabaixo solo a nível nacional, embora esta escassez de títulos se traduza também a nível mundial. Graças à obra de alguns pioneiros, entre os quais destaco o virtuoso italiano Stefano Scodanibbio (1956-2012), esta tendência está, no entanto, a mudar. O nome de Scodanibbio está ligado à renascença do contrabaixo enquanto instrumento solo nos finais do século XX e ao desenvolvimento de um repertório específico para este instrumento. Compositores como Sylvano Bussotti, Franco Donatoni, Brian Ferneyhough, Salvatore Sciarrino e Iánnis Xenákis escreveram propositadamente para Scodanibbio, tendo ele próprio criado também novas técnicas contrabaixísticas (como «arco mobile à la Stefano Scodanibbio», indicação que Luigi Nono utilizou na partitura de *Prometeo*). A verdade é que são poucos os compositores contemporâneos que escrevem para contrabaixo solo e esta

lacuna é ainda mais evidente no caso de Portugal.⁴ Esperemos que este CD de António Augusto Aguiar não seja um registo pontual e que haja uma continuação na descoberta e gravação de novo repertório de música contemporânea para contrabaixo solo.

Massimo Cavalli é doutorado em Música e Musicologia, especialidade Interpretação, na Universidade de Évora. É o coordenador do curso de Jazz e Música Moderna da Universidade Lusíada de Lisboa e professor de Baixo Elétrico, Contrabaixo, Classe de Conjunto, Técnicas de Improvisação e Introdução ao Estudo de Música Popular na mesma instituição. Como intérprete e compositor tocou e gravou com vários artistas nacionais e internacionais de renome. <www.massimocavalli.com>

⁴ No caso de Scodanibbio (que esteve presente em Serralves, em junho de 2007), assim como da contrabaixista francesa Joëlle Léandre (que já atuou em Portugal várias vezes), o facto de serem executantes exímios aliado à capacidade de saber compor para o próprio instrumento tem ajudado no desenvolvimento do repertório para contrabaixo solo e, consequentemente, na gravação do mesmo.

